

O MOVIMENTO ESTUDANTIL ALEMÃO NA DÉCADA DE 1960 E A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE: ALGUMAS ANOTAÇÕES

Rodrigo Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais
rodrigoantonioduarte@gmail.com

RESUMO *O artigo enfoca, numa ordem aproximadamente cronológica, os acontecimentos mais marcantes no relacionamento entre os expoentes da chamada “Escola de Frankfurt” – especialmente Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, dentre outros – e os estudantes politicamente organizados da Universidade Wolfgang Goethe, sediada na cidade alemã que deu nome àquela corrente de pensamento. O texto procura mostrar que esse relacionamento sempre foi marcado por certa ambiguidade, na medida em que os principais líderes do movimento estudantil daquela instituição, dentre os quais se destaca Hans Jürgen Krahl, se consideravam inspirados pelos representantes da Teoria Crítica em termos teóricos, ao mesmo tempo em que se sentiam traídos por eles (excetuando-se talvez por Marcuse) no tocante ao posicionamento e à atividade política naquele momento difícil enfrentado pelos estudantes.*

Palavras-chave *Escola de Frankfurt, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse.*

ABSTRACT *The article focuses in a succession approximately chronologic the most striking events in the relationship between the major personalities of the Frankfurt School – specially Theodor Adorno, Max Horkheimer and Herbert Marcuse, among others – and the politically organized students of the Wolfgang Goethe University, located in the city that lent its name to the*

aforementioned current of thought. The text seeks to show that the relationship between the students and its intellectual mentors has been always quite ambiguous, since the main leaders of these – including the most outstanding like Hans Jürgen Krahl – declared themselves on one hand theoretically inspired by the philosophers of the Frankfurt School, on the other hand felt betrayed by them, since they considered their support insufficient (except for Herbert Marcuse's position) facing the very difficult political situation faced by the German student's movement at that time.

Keywords *Frankfurt School, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse.*

Quando se fala no relacionamento entre o movimento estudantil alemão dos anos 1960 e a Teoria Crítica da Sociedade – mais especificamente tendo em vista os seus representantes históricos ainda ativos na cena de Frankfurt no final da década – a primeira lembrança que se tem diz respeito à ambiguidade entre a adesão teórica por parte dos discentes e os conflitos com os seus mestres, que, na prática, de fato ocorreram. Dentre essas lembranças, provavelmente, predomina a cena da invasão do púlpito, no qual Theodor Adorno proferia uma aula magna, por três ativistas femininas, que, de seios à mostra, acariciaram o filósofo, que, juntamente com Max Horkheimer e Herbert Marcuse, tinha sido um grande inspirador teórico da *praxis* que essas moças acreditavam estar realizando – fato que teve um efeito devastador no moral desse que foi um dos maiores pensadores do século XX. Martin Jay rememorou esse episódio do seguinte modo: “Em abril de 1969, três membros de um grupo de ação militante se lançaram ao pódio, durante uma de suas aulas [de Adorno/rd], desnudaram os bustos e o 'atacam' com flores e carícias eróticas. Adorno, nervoso e humilhado, deixou o auditório com os estudantes proclamando debochadamente que 'como instituição, Adorno está morto'.”¹

Essa cena patética, certamente, não surgiu do nada e o objetivo deste artigo é lançar luz sobre a complexa e longa história que teve nela talvez o seu ponto culminante, mas não o seu ponto final, uma vez que a Teoria Crítica da Sociedade, de lá para cá, só se fortaleceu e continua encerrando um grande

1 Martin Jay, *Adorno*, London, Fontana Paperbacks, 1984, p. 55.

potencial de inspiração para uma ação política crítica ao *establishment*, que adicione aos seus respectivos atos um forte elemento reflexivo.

Para a síntese crítica que se pretende fazer aqui, a fonte mais importante é a coleção em três volumes, organizada por Wolfgang Kraushaar, intitulada *Escola de Frankfurt e movimento estudantil. Da mensagem na garrafa ao coquetel Molotov*². Nessa coleção, o primeiro volume contém uma cronologia comentada que se inicia no imediato pós-guerra – período em que os principais representantes da Teoria Crítica ainda se encontravam nos Estados Unidos da América, para onde tinham ido na condição de exilados políticos – e termina em meados da década de 1990, quando ainda se aferia o legado da teoria para a política e a sociedade alemãs na contemporaneidade (e, naturalmente, se preparava a publicação da obra, ocorrida em 1998). No segundo volume se encontra uma ampla coleção de documentos, a qual inclui, dentre outras coisas, escritos dos expoentes da Teoria Crítica (incluindo artigos publicados, entrevistas e até mesmo anotações até então inéditas), correspondência pessoal entre eles, panfletos e atas de reuniões de organizações estudantis, súmulas de decisões judiciais etc. Finalmente, o terceiro volume reúne ensaios, escritos *a posteriori* por intelectuais que viveram e viram de perto esses dias turbulentos ou que se propuseram a refletir sobre eles, mesmo que não os tenham vivenciado propriamente. Para a redação deste artigo, foi feito um trabalho de “escavação” nos três volumes, que, juntos, totalizam mais de mil e oitocentas páginas, à busca de material, cujo comentário poderia ser de interesse do público de língua portuguesa que não tem acesso ao original alemão.

Como se sabe, todos os representantes da Teoria Crítica que, fugindo da perseguição nazista, conseguiram chegar aos Estados Unidos a partir de meados até o final da década de 1930, lá residiram até o fim da Segunda Guerra Mundial e, terminado o conflito, deliberaram sobre a oportunidade de voltar ao seu país de origem, sendo que, dentre os mais conhecidos, Adorno e Horkheimer retornaram à Alemanha; Marcuse e Löwenthal permaneceram na Califórnia. Com o retorno daqueles começa a história que nos interessa aqui, pois ainda nos anos 1950, enquanto era reconstruído o Instituto para a Pesquisa Social de Frankfurt (ironicamente, com financiamento estadunidense...) agrupamentos estudantis participavam de manifestações políticas, nas quais estavam representados outros seguimentos da sociedade, a respeito de temas que diziam respeito diretamente ao conflito mundial que terminara havia menos de uma década, como, por exemplo, o ato pela reunificação da Alemanha, realizado em 1955.

2 Wolfgang Kraushaar, *Frankfurter Schule und Studentenbewegung. Von der Flaschenpost zum Molotowcocktail*. Hamburg, Rogner & Bernard, 1998.

Nesse mesmo ano, protestaram mais de cinco mil pessoas em Frankfurt contra o poderoso – e crescente – arsenal nas forças armadas alemãs. E, mais ao final da década, houve, em 03/06/58, um grande ato contra o armamento nuclear no exército alemão – todos eles com forte participação estudantil.

Um dos primeiros tópicos do relacionamento direto do Instituto para a Pesquisa Social com o incipiente movimento estudantil alemão foi o trabalho de investigação realizado por Habermas e outros pesquisadores, em 1961, intitulado *Uma investigação sociológica sobre a consciência política dos estudantes de Frankfurt*³, cuja síntese, foi apresentada por Christoph Oehler – investigador participante da pesquisa – na Revista *Deutsche Universitätszeitung*, sob o título “Studenten und Politik – Ergebnisse einer Untersuchung des Instituts für Sozialforschung in Frankfurt/M” (“Estudantes e política – resultados de uma investigação do Instituto para a Pesquisa Social em Frankfurt sobre o Meno”). Essa pesquisa abordou três aspectos mais gerais do tema, a saber: 1) os hábitos políticos dos estudantes entrevistados, 2) seu posicionamento diante do sistema democrático enquanto tal, e 3) se eles possuem uma “imagem da sociedade” e, em caso positivo, qual seria ela.

No que tange ao primeiro aspecto, a pesquisa classificou os grupos mais significativos de entrevistados como: a) “indiferentes” (13%), b) “irracionalmente distanciados” (11%), c) “racionalmente distanciados” (19%), d) “civilmente integrados” (19%), e) “cidadãos refletidos” (29%), e f) “politicamente engajados” (9%). De acordo com Oehler, apenas nesses últimos “pode-se falar de participação política objetivamente adequada. Eles não caem vítima nem da aparência liberal de uma democracia burguesa intacta, nem tomam a política por administração beneficente. A política lhes aparece, antes, como situação singular para decisões históricas, da qual a sua existência privada é indissolúvel.”⁴

No tocante à atitude diante do sistema democrático, os pesquisadores do Instituto para a Pesquisa Social identificaram entre os estudantes frankfurtianos 30%, denominados “democratas genuínos” – especialmente sensíveis a quaisquer ameaças ao estado democrático de direito –, 39% do que chamaram “democratas formais”, os quais simpatizam com uma integração dos cidadãos ao regime democrático de cima para baixo; o grupo identificado como “autoritário”, constituído de 22% dos entrevistados, caracterizava-se principalmente por não repudiarem, em princípio, regras vindas de cima. Finalmente, os pesquisadores

3 Jürgen Habermas et alii, *Eine soziologische Untersuchung zum politischen Bewusstsein Frankfurter Studenten*. Darmstadt, Neuwied, 1961.

4 Wolfgang Kraushaar, *Frankfurter Schule und Studentenbewegung*, op.cit., vol 2, p. 143 et seq.

identificaram como quarto grupo os chamados “indiferentes”, os quais constituíam 9% dos entrevistados.

No que concerne à “imagem da sociedade”, os pesquisadores identificaram um terço de estudantes totalmente desprovidos de “ideologia”, uma parte deles composta de indiferentes, a outra dos que se julgam “realistas”. Um outro terço dos entrevistados considerava o mundo espiritual como autêntico e o da política como essencialmente inautêntico e apenas o terço restante era o único que apresentava um posicionamento relevante para a ação política, ainda que, na sua maior parte, com uma conotação elitista. Nesse contingente, segundo Christoph Oehlen, “resta apenas um grupo realmente pequeno e ainda internamente heterogêneo, cuja imagem de sociedade em geral poderia estabilizar uma tendência democrática.”⁵ Esse resultado não deixou de se refletir no posicionamento que expoentes da chamada Escola de Frankfurt assumiram alguns anos depois, diante dos antagonismos que se apresentaram abertamente no ambiente acadêmico.

No ano de 1962, destacam-se os protestos estudantis contra a prisão de jornalistas do semanário *Der Spiegel* e da apreensão de uma de suas edições – episódio em que a justiça alemã se posicionou a favor dessas ações drásticas, tendo em vista a divulgação de matéria pela revista, que envolvia supostas questões de segurança nacional. As preocupações dos estudantes concerniam a um possível retorno da censura à imprensa, tal como imperava no regime hitlerista. Vale ressaltar que, dentre os 285 professores e pesquisadores ligados à Universidade de Heidelberg que assinaram uma carta aberta ao Presidente da República de então, Eugen Gerstenmaier e a outras autoridades federais, protestando sobre o ocorrido, se encontravam dois docentes que viriam a participar ativamente nos acontecimentos marcantes do final da década de 1960, em Frankfurt: Jürgen Habermas e Alexander Mitscherlich.

Nos anos seguintes, o tema que predominou nos protestos do movimento estudantil alemão foi a guerra do Vietnã: em 1965 e 1966 ocorreram manifestações contra o conflito e a favor de neutralidade com relação a ele por parte do governo federal de Bonn – então muito submisso à política externa estadunidense e, portanto, tendente a apoiar Washington nesse caso.

Na esteira desses protestos, o grupo estudantil SDS (Sozialistischer Deutscher Studentenbund – Liga Estudantil Socialista Alemã), entidade que protagonizou muitos dos acontecimentos dos anos seguintes, organizou em maio de 1966, em Frankfurt, o congresso “Vietnam – Analyse eines Exempels” (“Vietnã – Análise

5 *Ibidem*, p. 144 et seq.

de um Exemplo), no qual Herbert Marcuse proferiu uma das palestras de maior repercussão. Essa aparição "em carne e osso" do autor de *Eros e civilização*, então residente nos Estados Unidos da América, na cena frankfurtiana marcou não apenas o primeiro contato pessoal de importantes líderes do movimento estudantil alemão com o filósofo, mas também uma possível conexão com o seu congênere californiano, para o qual Marcuse era igualmente uma forte referência. Digno de nota no estabelecimento de conexões entre o movimento estudantil alemão e o norte-americano, embora não com a mesma relevância de Marcuse, foi também Karl Löwenthal – outro representante histórico da Teoria Crítica que permaneceu nos EUA –, o qual publicou, em julho de 1967, na revista *Diskus*, dos discentes de Frankfurt, um artigo em que analisa a relação do estado da universidade estadunidense, que, segundo ele, teria se tornado uma "service station" para o capitalismo norte-americano, e o advento das pujantes manifestações estudantis em Berkeley àquela época.

Em 1967, um incidente envolvendo a relação da política externa alemã – para além da guerra do Vietnã – com questões internas do país prefigurou o acirramento dos ânimos no âmbito estudantil que ocorreria principalmente nos dois anos seguintes. Esse fato foi o assassinato do estudante de germanística, então com 26 anos, Benno Ohnesorg por um policial, em 02/06/67. O incidente aconteceu em Berlim, na esteira de fortes protestos contra a presença do Xá do Irã na Alemanha, sendo que, depois de muitos conflitos, houve grande repressão, com policiais perseguindo estudantes, chegando ao ponto de Ohnesorg ter sido alvejado pelas costas, com um tiro comprovadamente disparado por um oficial da polícia. No dia seguinte 6.000 membros da comunidade acadêmica berlinense fizeram manifestação no campus da Freie Universität de Berlim, protestando veementemente contra o assassinato. Três dias depois do assassinato, aproximadamente 3.000 estudantes protestaram em Frankfurt em solidariedade aos acadêmicos berlinenses, reforçando as reivindicações de punições severas aos responsáveis pela desastrosa operação policial. Nesse mesmo dia, numa referência explícita ao deplorável assassinato, compartilhando das preocupações de todas as forças democráticas da Alemanha de então quanto ao risco para o estado de direito no país, Adorno declarou, no seu seminário de sociologia, que "Os estudantes assumiram um pouco o papel dos judeus"⁶.

Nesse mesmo ano, um artigo de Monika Steffen, "Tiere an Ketten – SDS und Horkheimer" ("Animais em correntes – o SDS e Horkheimer"), publicado na mesma edição de *Diskus* em que fora publicado o artigo de Löwenthal, descreve

6 *Ibidem*, vol. 1, p. 254.

um encontro entre os estudantes do SDS, por um lado, Horkheimer e Adorno, por outro, no qual o primeiro deveria explicitar a sua posição, considerada conservadora, sobre as relações entre a Alemanha Ocidental e os Estados Unidos da América. Na ocasião, ao ser interrogado sobre a sua posição sobre o assassinato de Benno Ohnesorg, Horkheimer, que não havia se preparado para falar sobre esse assunto, teria passado a palavra a Adorno, que, por um lado, reafirmou o seu pesar pelo incidente e o direito inarredável dos estudantes de protestarem veementemente contra ele, mas, por outro lado, advertiu quanto à impossibilidade de o movimento estudantil ter caráter revolucionário e de ele poder subverter de fato a ordem vigente.

A posição reservada de Horkheimer diante dos graves acontecimentos na política alemã daquele período e – principalmente – quanto às reações a eles por parte do movimento estudantil repercutiu não apenas entre os discentes, mas entre contemporâneos do filósofo como Katja Walch-Lux, que em carta a Horkheimer de 15/07/67, cobrou dele (e também de Adorno) um apoio mais explícito à luta dos estudantes: “Sim, me irrita que *você* e Adorno não cumpriram o que um dia prometeram a nós e aos estudantes. Certamente é necessária muita coragem para se colocar ao lado dos estudantes. Além disso há que se lembrar que nós também protestamos contra o Estado daquela época. Concedo aos estudantes de agora o mesmo direito!”⁷

Embora Walch-Lux tenha assimilado a posição de Adorno à de Horkheimer no trecho citado acima, há que se levar em conta que, esse, talvez traumatizado pelos acontecimentos da década de 1930, tinha uma postura muito temerosa em relação aos riscos que a então jovem democracia alemã corria naquele momento, enquanto Adorno, mesmo explicitando claramente suas diferenças para com líderes importantes do movimento estudantil, não deixou de lhes prestar apoio público em diversas ocasiões. Uma delas foi a discussão com Peter Szondi, em 30/10/67, transmitida pelo “Westdeutsche Rundfunk” (Rádio do Oeste Alemão), na qual Adorno externou a sua solidariedade aos discentes, numa referência explícita àquele que foi assassinado pela polícia: “Primeiramente eu gostaria de responder sobre isso que os estudantes (...) experimentaram os defeitos de nossa democracia no próprio corpo de um modo particularmente amargo. Isso se mostrou no caso Ohnesorg de modo totalmente inequívoco.”⁸ Vale registrar que, nesse mesmo debate com Szondi, Adorno demonstrou ter concepções pedagógicas bastante avançadas em relação ao conservadorismo reinante no

7 *Ibidem*, vol. 2, p.278. Observe-se que essa mesma pessoa redigiu outras mensagens com o mesmo teor, dirigidas a Horkheimer, inclusive uma longa carta de 04/05/68, com conteúdo semelhante (cf. p. 372).

8 *Ibidem*, p.304.

universo acadêmico alemão, como, por exemplo, a crítica à forma clássica da *Vorlesung* (espécie de aula magistral que não deveria ser interrompida). Nesse particular, o filósofo afirmou que incentivava os seus alunos a interromper as suas exposições com questões, ainda que não acreditasse numa horizontalidade total, no sentido de não haver certa “divisão do trabalho”, no processo pedagógico, entre docentes e discentes. Mas tal divisão do trabalho não poderia ser tomada no mesmo sentido da da economia capitalista, uma vez que professores não podem ser considerados “exploradores” dos seus alunos, no mesmo sentido, no qual os capitalistas o fazem em relação aos seus empregados.

Havia, entretanto, um tipo de interrupção da exposição de professores por estudantes bem mais drástica do que aquela incentivada por Adorno, que era conhecida pelos discentes sob a rubrica de “go-in”: uma espécie de invasão da aula por grupos estudantis que questionavam insistentemente os docentes sobre aspectos que consideravam discutíveis do conteúdo das disciplinas ou da discrepância entre esses e a prática política daqueles. Esse foi o caso de um “go-in”, de grande repercussão, na aula do Professor Carlo Schmid, em 20/11/67, organizado pelo SDS. No panfleto de convocação desse ato, os estudantes questionam o fato de sua docência preconizar a democracia e, como político, ele ser defensor das leis de exceção: “Como professor de política ele ensina democracia aos estudantes, como ministro da grande coalizão [governo da social-democracia juntamente com a democracia cristã/rd], ele pratica o estado de emergência da democracia.”⁹

Ainda em 1967, em meio a turbulências na política em geral e na universidade em particular, atendendo a pedido dos estudantes, Adorno permitiu que houvesse uma discussão com membros da representação estudantil no seu seminário de Estética. Nessa discussão, que teria como tema principal o “go-in” na aula do Prof. Carlo Schmid, fica registrada uma inflexão interessante no movimento estudantil, que, apesar de mais politizado no que nunca no tocante à ideologia e à sociedade *tout court*, começa a estabelecer uma conexão das questões políticas mais gerais com o *modus operandi* da universidade e do ambiente acadêmico como um todo, propondo, no bojo de uma reforma do ensino superior que estava em pauta, rupturas importantes, por exemplo, na secular hierarquia imperante na universidade alemã. Vale observar que Adorno não apenas concedeu empregar tempo que seria dedicado à aula nessa discussão, mas se mostrou pessoalmente aberto a várias reivindicações dos estudantes, inclusive no que dizia respeito a questões polêmicas. Um exemplo disso é a postura de Adorno no sentido de uma

9 *Ibidem*, vol. 1, p. 279.

participação decisiva dos alunos em questões relevantes para a universidade, fazendo apenas a ressalva de que isso não poderia significar qualquer tipo de facilitação nas atividades que eles deveriam desempenhar como parte do processo pedagógico¹⁰. Nessa discussão, destacou-se, contrapondo-se a várias posições do professor, o então aluno próximo de Adorno e importante líder do SDS de Frankfurt, Hans Jürgen Krahl, que desempenharia um papel decisivo no auge dos conflitos que se agravaram nos anos seguintes.

O mesmo Krahl proferiu discurso no “Internationaler Vietnam Kongress”, em Berlim Ocidental, em 18/02/68, no qual chama a atenção para o caráter imperialista da intervenção militar norte-americana no Vietnã e como os Estados Unidos, naquele momento, usavam os países mais influentes da Europa Ocidental como possível alívio econômico relativamente aos gastos militares com a OTAN e “exércitos de reserva” para suas frequentes intervenções no Terceiro Mundo, onde houvesse risco, mediante apoio das forças do Pacto de Varsóvia, de instauração de regimes comunistas. Tendo em vista os sucessos do vietcongue na resistência contra os invasores norte-americanos e outros casos de vitórias de movimentos anti-imperialistas, como a revolução cubana, por exemplo, Krahl – citando nominalmente Marcuse – defende a ideia de que deveria haver nas forças democráticas do Ocidente uma “campanha anti-OTAN” que estabelecesse conexões fortes com os movimentos de libertação do Terceiro Mundo. Nessa mesma ocasião, Rudi Dutschke – o mais conhecido líder do SDS e organizador do congresso – fez uma intervenção com conteúdo bem semelhante, porém mais curta, menos “teórica” e mais política, antevendo a possibilidade de uma subversão completa da ordem imperialista, na medida em que houvesse a união de todas as forças democráticas e anti-capitalistas do mundo.

A importância de Dutschke para o movimento estudantil foi reconhecida pelo próprio Marcuse, que, em carta de 11/03/68, lhe disse: “Maravilhoso: alguém que pode pensar e agir, que não se deixa apanhar – nem mesmo pela velha esquerda”¹¹. Na mesma correspondência, no intuito de estabelecer uma mediação entre estudantes alemães e californianos, Marcuse lhe pede o texto de um de seus discursos, que ele gostaria de traduzir para o inglês, de modo a divulgá-lo entre os seus alunos estadunidenses, perguntando também quando Dutschke iria aos EUA. A relevância desse líder estudantil para a nova esquerda alemã foi reconhecida não apenas pelos seus correligionários, mas – infelizmente – também para os seus opositores mais ferrenhos (e truculentos): em 11/04/68 ele foi vítima de um brutal atentado a bala, cometido por um simpatizante da

10 Cf. *Ibidem*, vol.2, p. 325.

11 *Ibidem*, p. 347.

extrema direita, Josef Bachmann, que o feriu com gravidade, felizmente, sem ser fatal. Uma vez que se identificou esse incidente como consequência de uma violenta campanha de difamação do movimento estudantil, feita pelos jornais do *Springer Verlag*, os estudantes impediram, em várias cidades alemãs, nos dias seguintes ao atentado, o fornecimento de periódicos dessa casa editorial.

Em meio à imensa onda de reações contra o atentado, erigiu-se, em 13/04/68, uma tenda, em Römersberg – local típico de manifestações políticas em Frankfurt –, na qual ocorreram discussões durante todo o dia, com a participação, dentre outros de Hans Jürgen Krahl. Uma das intervenções mais contundentes foi o discurso de Oskar Negt, no qual ele declarou que: “Antes de tudo devemos reconhecer que os reais culpados pelo infame atentado se encontram nas redações, nos governos, nos parlamentos e nos partidos; eles se acham livres de qualquer culpa, porque um direito penal individualizado lhes confere com irrefutável ‘objetividade’ a mesma proteção pela qual já os responsáveis pelos crimes do Terceiro Reich puderam ficar seguros.”¹²

Poucos dias depois desse protesto foi publicado no semanário *Die Zeit* a “Declaração dos catorze” sobre o atentado contra Rudi Dutschke, assinada por intelectuais como Theodor Adorno, Heinrich Böll, Ludwig von Friedenburg e Alexander Mitscherlich, dentre outros. Nela se enfatizou mais uma vez o papel que os meios de comunicação desempenharam no atijamento da opinião pública contra o movimento estudantil, o qual redundou em mais esse ato de violência contra um discente: “Esse clima foi sistematicamente preparado pela imprensa, que se apresenta como guardiã da constituição e pretende falar em nome da ordem da maioria, mas com essa ordem não quer dizer outra coisa que sua dominação sobre as massas indefesas e o caminho para um novo nacionalismo, autoritariamente determinado”.¹³

O mês de maio de 1968 trouxe a eclosão dos protestos estudantis em Paris, num movimento que ficou mais conhecido e celebrado do que o alemão, o qual, como se vê por esta narrativa, não foi menos contundente do que o seu congênere da margem ocidental do Reno. Os pontos de contato entre os protestos estudantis francês e alemão, provavelmente devido à proximidade geográfica, são em maior número e mais fortes do que aqueles entre esse e o movimento estudantil californiano, em relação ao qual a figura de Marcuse, como já se assinalou, desempenhou um papel muito relevante.

Que o pensamento do filósofo berlinense teria tido algum peso no posicionamento dos estudantes franceses, o indica a iniciativa do diário *Le Monde*

12 *Ibidem*, p. 356.

13 *Ibidem*, p. 363.

de publicar em 11/05/68 entrevista de Marcuse ao jornal. Nela, o pensador se mostra cauteloso em relação à sua influência sobre os movimentos estudantis mundo afora, declarando que: “há muito tempo que não faço política militante. Escrevo, ensino, participo de congressos, falo para estudantes: isso é a atividade normal de um intelectual nos EUA, onde a situação em nada é revolucionária, nem mesmo ‘pré-revolucionária’”. Ao ser questionado sobre o que diria aos estudantes se eles lhe perguntassem sobre o juízo acerca de suas manifestações, Marcuse – num posicionamento que ecoa declaração semelhante de Adorno – responde: “Eu lhes diria primeiramente que não se deve esperar nada mais do que grandes manifestações, tal como ocorrem em toda parte; nem mesmo na França, já que lá nos encontramos numa situação que não é, de modo algum, pré-revolucionária, mas que também não é contrarrevolucionária”.¹⁴

No que tange às relações entre os movimentos estudantis francês e alemão desse período, a figura-símbolo, no entanto, não é Herbert Marcuse, mas Daniel Cohn-Bendit. Filho de judeus alemães que fugiram do Nazismo em 1933, ele se criou na França e, como estudante de sociologia, participou do movimento dos discentes de Nanterre que antecedeu a ocupação da Sorbonne a partir de 03/05/68, tendo sido considerado um dos líderes mais importantes dos protestos estudantis nesse período. Em artigo de 15/02/69, no *Frankfurter Rundschau*, Jean Améry o descreveu como alguém que, tendo em vista a sua aparência física, poderia passar despercebido e, não fosse sua fama de “Dany le Rouge”, não teria se tornado uma espécie de dândi dentre os líderes estudantis. Mas, para além da aparência, Améry chama a atenção para o fato de ele falar tão bem o francês quanto o alemão: “Impressionante, como ele, alternadamente, fala tão perfeitamente francês parisiense quanto alemão berlinense; raramente me deparei com alguém tão totalmente bilíngue.”¹⁵ Vale observar que isso não é pouca coisa, levando-se em conta que a barreira da língua certamente era um empecilho para uma aproximação maior entre os movimentos dos estudantes franceses e alemães, e o caráter perfeitamente bilíngue de Cohn-Bendit, para além de sua habilidade política, explica, pelo menos em parte, o fato de ele ter sido, naquela época, uma figura quase tão importante em Paris quanto em Berlim ou Frankfurt.

O mês de maio de 1968 foi especialmente turbulento não apenas na França, pois, na Alemanha, dentre muitos acontecimentos políticos importantes, relacionados de um modo ou de outro com o movimento estudantil, foi aprovada no parlamento alemão, com ampla maioria – apesar de toda a resistência

14 *Ibidem*, p. 380 *et seq.*

15 *Ibidem*, p. 575.

popular comandada pela APO (“Oposição Extra-Parlamentar”, integrada também por representações de estudantes) –, a lei de exceção, que revogava garantias individuais dos cidadãos, restituídas desde o início do processo de redemocratização da Alemanha após a tirania nazista. Sobre esse fato, Horkheimer – reiterando a sua preocupação de que poderia haver a instauração de uma ditadura, tal como houve em 1933 – declarou: “O comportamento do parlamento (...) e a indiferença, o cinismo dos governados e a sua desconfiança diante do governo e do sistema parlamentar, assim como o desejo cada vez mais urgente de um homem forte lembram de modo fatal os acontecimentos dos últimos anos da República de Weimar.”¹⁶

Também Adorno se expressou, em 28/05/68, aberta e veementemente no Hessischen Rundfunk – rádiodifusão pública do Estado de Hessen – contra as leis do estado de emergência, fazendo coro às preocupações de Horkheimer sobre o risco que elas representavam para a ainda incipiente democracia alemã, após a ditadura hitlerista: “O apetite aumenta com a comida. Uma vez que se sente seguro de tudo que se pode cobrir com as leis de emergência, então se acharão oportunidades de praticá-las. Essa é a verdadeira razão pela qual se deve protestar com toda veemência contra o fato de que, desse modo, o até agora gradual esvaziamento da democracia seja legalizado.”¹⁷

Na mesma ocasião dessa intervenção de Adorno – um programa televisivo intitulado “Democracia em estado de emergência” –, Oskar Negt, que ser tornaria um dos principais herdeiros da Teoria Crítica na Alemanha após a morte de Adorno e de Horkheimer, protestou contra a ausência de representantes do SDS no debate, uma vez que esse grupo tinha sido um dos principais opositores à decretação das leis de emergência: “Mas mesmo a argumentação pública, degradada em ritual, só aconteceu porque o SDS, enquanto mais ativo, porém mais desacreditado grupo da oposição ao estado de emergência foi expressamente excluído e pessoas hostilizadas como, como Abendroth e Ridder, por via das dúvidas nem mesmo foram mencionadas no convite”.¹⁸

Esse momento foi, de fato, o de maior radicalização nas ações do movimento estudantil, acentuando o estremecimento entre esse e os docentes com posição considerada mais conservadora, como Horkheimer e Habermas. A maior ruptura foi, na verdade, em relação a esse último que, em 1967, teria acusado algumas das ações mais contundentes dos estudantes de “Linksfaschismus” (“fascismo de esquerda”). Embora tenha se retratado quanto a essa expressão, Habermas

16 *Ibidem*, p. 383.

17 *Ibidem*, p. 392.

18 *Ibidem*, p. 393.

publicou, em 01/06/68, um longo artigo em suplemento especial do diário *Frankfurter Rundschau*, intitulado “A revolução aparente e seu filhos – Seis teses sobre tática, objetivos e análises da situação da juventude oposicionista”, no qual acusa o SDS de confundir protestos perante a opinião pública com táticas para estabelecimento imediato de uma situação revolucionária:

As novas técnicas de demonstração, que só podem encerrar ações simbólicas, se transformam, na cabeça dos adeptos mais escolarizados do SDS, em meios da luta imediatamente revolucionária. Um bandeira vermelha no momento certo, no telhado certo, pode ter um efeito esclarecedor; ela pode romper limites de tabu, remover uma barreira contra o processo de esclarecimento. Algo diferente é, no entanto, se aquele símbolo engana aqueles que o colocam quanto ao fato de que hoje não pode haver uma queda da Bastilha.¹⁹

A posição de Habermas havia sido exposta por ele dias antes de sua publicação no *Frankfurter Rundschau* num “teach-in” (reunião estudantil para informação e debate) no restaurante universitário da Wolfgang Goethe Universität de Frankfurt, sendo que, na ocasião, coube a Hans Jürgen Krahl se contrapor aos argumentos de Habermas. A parte mais interessante dessa intervenção é a resposta de Krahl à acusação de que “uma confusão tão grave de símbolo e realidade corresponde, no campo clínico, à patologia do delírio”²⁰, na qual consta: “Cego a qualquer experiência histórica, Habermas comete um *quid pro quod* analítico decisivo. Não o SDS confunde desejo e realidade, mas o Estado respondeu ao protesto de grupos desarmados com o emprego de sua máquina de violência, como se tratasse de uma luta de fato pelo poder no Estado.”²¹

Ao longo de todo o ano 1968 foram muitos os debates envolvendo intelectuais frankfurtianos e líderes estudantis, sendo que as críticas a Adorno subiam de tom por sua não participação nos protestos em praça pública, ainda que subscrevesse, em tese, as reivindicações dos manifestantes. Numa *Podiumsdiskussion*, 23/09/68, na qual, dentre outros, participaram também Habermas e von Friedenburg, ao ser perguntado sobre a sua disposição de participar nas manifestações de rua, Adorno respondeu: “Não sei se senhores mais velhos, com alguma obesidade, são as pessoas certas para marchar numa manifestação. Krahl disse antes que seria importante no movimento oposicionista hoje que não o coletivismo desempenhe o papel principal, que o indivíduo assuma o seu direito. Se eu não participo numa passeata, isso recai no meu direito individual.”²².

19 *Ibidem*, p. 411.

20 *Idem*.

21 *Ibidem*, p. 414.

22 *Ibidem*, p. 465.

Nos meses seguintes os ânimos dos estudantes foram se exaltando cada vez mais, a ponto de, num panfleto do SDS datado de 04/12/68, convocando para uma discussão no dia seguinte, os representantes da Teoria Crítica na Universidade de Frankfurt serem chamados de autoritários e defensores de privilégios, declarando que: “Estamos cansados, nós em Frankfurt, de sermos formados por esquerdistas moderados na política, que fornecem, após o estudo, o álibi integrado do estado autoritário.”²³ O resultado da discussão anunciada no panfleto foi a decretação de uma greve que, inicialmente, teve o apoio dos três principais professores do Instituto de Sociologia: Adorno, Von Friedenburg e Habermas, tal como demonstra um documento, datado de 11/12/68, assinado pelos três docentes, no qual consta: “Apoiamos o protesto dos nossos estudantes contra os perigos de uma reforma tecnocrática do ensino superior, sobre o qual advertimos há vários anos. (...) Saudamos ainda que iniciativas particulares dos grupos estudantis para trabalhar numa nova ordem didática e de conteúdo de seus projetos de curso tenham encontrado uma ampla ressonância”²⁴. Ao lado de propostas que atenderiam parcialmente algumas das reivindicações dos estudantes, ressalvas são feitas pelos professores, nesse documento, quanto à atitude de confrontação por parte daqueles. Apesar de tudo, os estudantes radicalizaram o seu movimento, ocupando dependências da universidade e aumentando o tom das críticas aos seus professores. Diante disso, num documento datado de 17/12/68, os três supramencionados professores, seguidos por Alexander Mitscherlich, conclamam os estudantes a desocuparem o referido prédio da universidade, por considerarem o fato politicamente nocivo aos interesses dos próprios estudantes, relativos às reformas por eles reivindicadas: “Conclamamos uma última vez nossos estudantes a desocuparem imediatamente a casa da Myliusstraße 30. A ocupação do prédio de seminários, como todos os participantes deveriam estar cientes, não é politicamente justificada. Aquelas exigências de reformas dos estudantes, que sempre consideramos fundamentadas, poderiam ser realizadas sem qualquer pressão.”²⁵

Esse pode ser considerado o início do momento de maior deterioração no relacionamento dos teóricos críticos com o movimento estudantil alemão dos anos sessenta, o qual se agravaria ainda nos meses seguintes. Em carta a Marcuse de 17/12/68, assinada por Adorno e Horkheimer, consta: “Aqui temos, no momento, altos e baixos: não poucas salas da universidade estão ocupadas. Muitos seminários não podem mais ocorrer, dentre eles os particularmente

23 *Ibidem*, p. 499.

24 *Ibidem*, p. 502.

25 *Ibidem*, p. 519.

avuçados. Exigências estudantis altamente justificáveis e açõs questionáveis se misturam tanto que não se pode falar de trabalho produtivo ou mesmo de um pensamento racional.”²⁶

No dia seguinte, a referida casa da Myliusstrasse – rebatizada pelos estudantes *Spartacus-Seminar* – foi desocupada pela polícia, aumentando a revolta dos estudantes e a hostilidade em relação aos seus professores. As semanas seguintes foram de muitos atritos, até mesmo com um caso de agressão física a um oficial de justiça que ordenou a retirada de uma faixa da entrada principal da Universidade²⁷. Vários incidentes, com maior ou menor gravidade, prepararam aquele acontecimento que, no dia 31/01/69, seria o mais decisivo na história das relações entre os representantes da chamada “Escola de Frankfurt” e o movimento estudantil alemão: a invasão do Instituto para a Pesquisa Social por discentes que não tinham conseguido entrar no prédio da Mylliusstrasse, por esse estar fechado. Durante a entrada abrupta e inesperada dos estudantes no prédio do instituto, Adorno e Von Friedenburg foram agredidos verbalmente e, depois de tentarem uma solução pacífica, sem sucesso, chamaram a polícia para a desocupação do prédio. De acordo com um documento da época, de autoria atribuída a Adorno, assim teria ocorrido o incidente:

Um dos diretores do instituto seguiu os estudantes, escada acima, para o primeiro andar. Diante da porta da sala de seminários ele interpelou o Sr. Krahl e lhe perguntou o que queria aqui. Ele recebeu como resposta que ele não tinha nada a ver com isso e que o grupo iria entrar na sala de seminário. O Sr. Krahl e alguns estudantes entraram na sala e foram depois conclamados formalmente três vezes a deixar o prédio. O Sr. Krahl respondeu ao diretor do instituto que ele deveria calar a boca e sumir. Aos diretores do instituto não restou, portanto, já por razões legais, qualquer outra alternativa do que tomar conhecimento da confrontação que lhes foi imposta, procurar a polícia para apoio na desocupação do instituto e dar queixa contra o Sr. Krahl e os outros invasores por ruptura nos ordenamentos da casa.²⁸

Esse lamentável episódio teve um impacto enorme no ânimo dos professores diretamente envolvidos e dos seus colegas e realimentou o ímpeto dos estudantes, que, como se viu, já se encontravam numa tendência de grande hostilidade em relação aos seus mestres. No caso específico de Adorno, tornou-se-lhe impossível ministrar os seus cursos, devido à prática sistemática de ruidosos “go-ins” nas suas aulas. Por isso, no final de abril, Adorno decidiu suspender *sine die* os seus cursos, colocando na porta das salas em que eles ocorreriam o seguinte

26 *Ibidem*, p. 519 et seq.

27 Cf. *Ibidem*, vol.1, p. 387.

28 *Ibidem*, vol.2, p. 557.

aviso, datado de 25/04/69: “Depois de terem duas vezes planejadamente tornado impossível que eu ministrasse a minha aula magna [*Vorlesung*/rd], vejo-me forçado a suspender o curso por tempo indeterminado. Do mesmo modo, o seminário filosófico principal, que deveria abordar em detalhes questões da aula magna não se realizará temporariamente.”²⁹

O último desses “go-ins”, ocorrido em 22/04/69, foi exatamente o episódio que se mencionou no início deste artigo, no qual moças seminuas avançaram sobre o púlpito em que Adorno proferia a sua aula. Uma descrição alternativa à de Martin Jay, a qual menciona a paixão de Adorno pela beleza feminina, foi feita por Rudolf zur Lippe, sugerindo uma razão para o efeito tão devastador que o ato teve sobre o ânimo do filósofo: “Aquela ação, que o feriu mais violentamente, tinha isso como alvo. Mulheres com seios nus se apresentaram contra ele, ao redor do seu púlpito. Essa brutalidade no que lhe era mais deleitável o atingiu profundamente.”³⁰

Mesmo muito combatido, Adorno ainda tentou retomar as suas aulas no mês seguinte, não tendo tido sucesso, em virtude da continuidade dos “go-ins” nos seus cursos, até que resolveu cancelá-los definitivamente, de acordo com o conteúdo de aviso semelhante ao de 25/04/69, agora datado de 18/06/69: “sob essas circunstâncias, vejo-me, com muito pesar, forçado a cancelar o meu curso principal até o fim do semestre.”³¹

Os meses seguintes de Adorno foram de acentuada depressão e de agravamento de problemas cardíacos previamente existentes, até que numa viagem de férias à Suíça, sofreu um infarto fulminante e faleceu em 06/08/69, a pouco mais de um mês de completar sessenta e seis anos.

Esse fato foi um divisor de águas no relacionamento entre o movimento estudantil alemão do final dos anos 1960 e a Teoria Crítica da Sociedade, pois, embora a grande imprensa sempre tenha tido as suas reservas em relação ao pensador “radical” Theodor Adorno, ela não hesitou em associar diretamente a sua morte à pressão que os discentes exerciam sobre ele, como um pretexto para a continuidade de certa campanha de criminalização das atividades políticas daqueles. Esse fato colocou alguns dos principais líderes do movimento estudantil numa posição defensiva, a ponto de vários deles – inclusive Hans Jürgen Krahl – terem redigido um texto e publicado em 20/08/69 (portanto, apenas duas semanas depois do falecimento do filósofo), no *Frankfurter Rundschau*, no qual afirmam se encontrar numa posição muito mais próxima da de Adorno, cuja

29 *Ibidem*, p. 605 et seq.

30 *Ibidem*, vol.3, p. 119.

31 *Ibidem*, vol.2, p. 651.

teoria teriam tentado traduzir numa prática política radical, do que a imprensa que naquele momento se valia da comoção que sua morte causara para, mais uma vez, atizar a opinião pública contra os estudantes politicamente organizados:

Quem se compreende como discípulo de Adorno, deve reagir contra a colocação de sua obra na esfera dos bens culturais. Mesmo aqueles, dentre os alunos de Adorno, que politicamente se tornaram seus mais veementes adversários, se encontram objetivamente muito mais próximos dele do que aquela imprensa que se pretende como estando acima das coisas.³²

Por mais que esse posicionamento dos estudantes coloque uma questão importante, infelizmente, não há espaço aqui para entrar nessa discussão, que pode e deve ser abordada em outro momento³³.

Referências

ADORNO, Theodor W. “Resignation”. In: “Gesammelte Schriften 10.2”. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996.

HABERMAS, Jürgen et alii. “Eine soziologische Untersuchung zum politischen Bewusstsein Frankfurter Studenten”. Darmstadt: Neuwied, 1961.

JAY, Martin “Adorno”. London: Fontana Paperbacks, 1984.

KRAUSHAAR, Wolfgang. “Frankfurter Schule und Studentenbewegung. Von der Flaschenpost zum Molotowcocktail”. 3 volumes. Hamburg: Rogner & Bernard, 1998.

32 *Ibidem*, p. 676.

33 O volume 3 do livro de Wolfgang Kraushaar, *Frankfurter Schule und Studentenbewegung, op.cit.*, contém várias contribuições interessantes nesse sentido, com destaque para os textos “Die Frankfurter Studentenbewegung und das Ende Adornos – Ein Zeitzeugnis”, de Rudolf zur Lippe, “Hans Jürgen Krahl – Ein philosophisch-politisches Profil”, de Dettel Claussen, e “Bodenlose Politik – Dialoge über Theorie und Praxis”, de Alex Demirovic.